

Criação de Valor Compartilhado É necessário reconectar a prosperidade empresarial ao progresso social

*Camila Figueiredo e **Isabela Pascoal

Está em curso um movimento descoordenado de reinvenção do capitalismo. Dizemos descoordenado porque são múltiplos e diversos movimentos que se iniciam por distintas razões, mas com o propósito comum de colocar em xeque o velho e tradicional capitalismo do “business as usual”.

Capitalismo consciente, Economia Circular , Sistema B, Negócios com Impacto Social, *Shared Value Initiative*, Economia Verde, Economias de Baixo Carbono, Negócios Inclusivos e Setor 2.5 são alguns dos conceitos que despontaram nos últimos anos para repensar o velho regime capitalista.

Algo que se destaca em todos esses movimentos é deixar claro que o futuro dos negócios está fundamentado numa necessária mudança mental, focada no modo como nos relacionamos com a sociedade e o meio ambiente. Entender, mapear e considerar os impactos socioambientais positivos e negativos da atividade econômica não é mais um diferencial, mas sim condição necessária para o sucesso do negócio.

A ainda atual e frequente tensão entre sociedade e empresas e as respostas com ações de mitigação que estas costumam adotar diante de ameaças à reputação dos negócios ajudaram a criar a percepção de que as organizações empresariais são em grande parte responsáveis pelas mazelas sociais e ambientais do planeta. Esse é um lado da moeda. O outro é que elas são também responsáveis pelos enormes avanços no desenvolvimento de produtos e serviços que garantem o bem-estar de bilhões de pessoas.

A pergunta que constantemente nos fazemos é: será que entrar numa relação combativa com esses gigantes econômicos vai acelerar o processo de revisão do capitalismo ou vai gerar uma reação de fechamento e defesa?

O passo adiante proposto pela estratégia de criação de Valor Compartilhado é olhar para as demandas sociais e ambientais como oportunidade de

negócios, não como problemas e custos. É buscar meios de conectar as empresas a essas demandas e, se oportuno, ao setor público.

As oportunidades se apresentam nas áreas de desenvolvimento de produtos e mercados, na cadeia de valor e no fomento a polos com vocações comerciais e/ou produtivas específicas. Mudanças nessas áreas são estratégicas e, portanto, de longo prazo. Estão diretamente ligadas ao negócio e por isso não devem ser confundidas com responsabilidade social ou filantropia.

Tudo isso, no entanto, demanda conhecimento sobre indicadores socioambientais que nem sempre estão disponíveis dentro das empresas. Assim, é fundamental engajar organizações da sociedade civil para, em parceria com as empresas, endereçar essas questões.

Nos estudos de casos da plataforma *Shared Value Initiative* é possível ver claramente que problemas sociais e ambientais muito relevantes foram solucionados em grande escala quando a sociedade civil se apresentou para agir junto às organizações empresariais na criação de Valor Compartilhado.

As empresas são constituídas por pessoas que, em sua enorme maioria, acordam todos os dias pela manhã e buscam, assim como os profissionais do setor social, deixar o mundo melhor para os seus filhos.

A criação de Valor Compartilhado tem o potencial da convergência de interesses e da construção colaborativa de projetos nos quais o setor social, *expert* em ler e conhecer as demandas sociais e ambientais do nosso tempo, colabora ativamente para colocar os ativos empresariais a serviço de solucionar verdadeiramente problemas sociais.

A seguir, trataremos brevemente de alguns casos ilustrativos.

1- Projeto Colmeia Fibria

As fazendas de celulose da Fibria eram frequentemente invadidas por apicultores clandestinos que usavam fogo para afastar as abelhas durante a

coleta do mel. A alternativa do velho capitalismo seria ampliar o patrulhamento, gerando gastos e uma relação de tensão entre empresa e sociedade. Já a alternativa de criação de Valor Compartilhado foi investir na formalização, capacitação e associação dos apicultores, autorizar as entradas e coordenar o trabalho reduzindo risco de incêndios. Resultado, hoje a associação dos apicultores que compartilham a área da Fibria é responsável por uma parcela significativa da produção de mel do Estado de São Paulo. E mais: conquistou segurança de trabalho e um substancial aumento de renda. A Fibria, por sua vez, ganhou fortes aliados na preservação e segurança de suas áreas produtivas.

2 - Arroz Urbano

A Path é uma organização social global que combate a fome oculta (quando o cardápio é carente dos micronutrientes como vitaminas e minerais) em países pobres e em desenvolvimento. Com acesso a uma tecnologia de fortificação do arroz, viu na empresa brasileira Urbano a perfeita parceria para um projeto de criação de Valor Compartilhado. A ONG garantiu acesso à nova tecnologia, com o compromisso de não exclusividade, e a empresa criou uma nova linha de produto, o Arroz Urbano Vitaminado, que foi adotado em escolas públicas de Vespasiano, Minas Gerais.

3 - Speaking Exchange CNA

Em 2014, a escola de inglês CNA estava em busca de meios que permitissem a seus alunos praticar a língua inglesa com nativos. A escola identificou em uma casa de repouso para idosos de Chicago, nos Estados Unidos, a combinação perfeita de, com o uso da tecnologia de comunicação à distância com vídeo, atender a essa necessidade pedagógica e também a uma demanda social, a dificuldade que em geral moradores de casas de repouso possuem em encontrar quem os escute longamente e converse atentamente com eles.

Isso foi um pouco do que aprendemos com os professores Michel E. Porter e Mark R. Kramer no *Shared Value Leadership Summit* .

Para saber mais, visite www.sharedvalue.org.



Isabela Pascoal

Diretora executiva da Fundação Educar Dpaschoal, Responsável pelo desenvolvimento sustentável da Daterra, fazenda produtora e exportadora de cafés especiais e sustentáveis. Formada em Comunicação pela ESPM e pós graduação em Administração pela Harvard University e em Comercio Exterior pela Fundação Don Cabral



Camila Figueiredo

Supervisora da Fundação Educar Dpaschoal, formada em Administração Pública pela FGV, certificada em Project Management in Development e cursando Pós-Graduação em Gestão da Educação no Novo Milênio. Atuou nas áreas de Marketing, Captação de Recursos, Programas de Relacionamento e é Sócia-Diretora da Neurônio Ativação de Negócios e Causas.